

CIDADEiNOVA

REVISTA CARIOCA DE GESTÃO PÚBLICA



GTT PREMIADO

O case "Grupos Transversais de Trabalho" foi vencedor do **Prêmio Ser Humano** de 2019 na categoria "Organizações do Setor Público".

ARTIGOS

Programa Vivência Profissional

Um incentivo para aqueles que estudam

Gerenciamento de Riscos

Orientador resumido de boas práticas

Capa W

Acessório de Segurança em Ceifagem

*Um olhar crítico sobre a **Educação para o trânsito***

O FAROL DA ILHA RASA

HENRIQUE COSTA FONSECA

Em qualquer lugar do mundo, toda grande cidade portuária possui um antigo farol. O Rio de Janeiro não é uma exceção. A cidade, desde meados do século XVIII, desempenha o papel de um dos mais importantes portos marítimos das Américas. Entretanto, demorou muito até que a cidade do Rio de Janeiro viesse a ter um farol a sua altura.

Essa história tem início em 1819 quando, por solicitação da Junta do Comércio, o Rei D. João VI autorizou a construção de um farol na Ilha Rasa: situada a 13km da entrada da Baía da Guanabara, rodeada de pedras íngremes, sem fontes de água e de difícil desembarque, a Ilha Rasa é a própria definição de local inóspito.

As obras de construção do farol tiveram início naquele mesmo ano, porém, em 1825, com as obras quase concluídas, um imprevisto: o navio que transportava o aparelho lenticular, vindo da França, teve toda sua carga pilhada por corsários argentinos. Depois disso, foram necessários quatro anos até que um novo aparelho lenticular chegasse e o Farol da Ilha Rasa fosse inaugurado, o que ocorreu somente no dia 31 de julho de 1829.

Já em 1880, a situação do principal farol do país, às portas da capital do império, encontrava-se bastante comprometida, precisando de reparos e modernização. Para reverter esse quadro, foram então encomendadas obras para a eletrificação do farol, que fariam deste o primeiro farol elétrico da América do Sul.

A inauguração no novo sistema luminoso ocorreu em 2 de dezembro de 1883 e, contando com a presença do Imperador D. Pedro II, às 6h28, o Farol da Ilha Rasa exibiu sua nova luz elétrica.



Fachada do Farol da Ilha Rasa.
Foto: Henrique Fonseca



Ilha Rasa e seu farol.
Foto: Henrique Fonseca

No entanto, por causa do alto custo do combustível e manutenção, a energia elétrica foi desativada em 1909, retornando à iluminação incandescente. Por outro lado, nesta mesma data, foi instalado um novo aparelho lenticular, maior do que o anterior. Fabricado pela firma Barbier, Bénard & Turenne Constructeurs (BBT), de Paris, esse aparelho, um dos maiores do mundo, ainda se encontra em funcionamento até os dias de hoje.

O Farol da Ilha Rasa é um dos cinco faróis mais antigos do país e o mais antigo em atividade ainda sobre sua torre original. É também um dos faróis mais importantes do litoral brasileiro e, junto com o Farol de Abrolhos, o de maior alcance em milhas náuticas. Entretanto, é pouco conhecido pelo carioca. Quando falamos da relação do carioca com o mar, hoje nos remetemos às praias e ao lazer, mas, no passado, o mar significava nossa ligação com o velho mundo, através dos colonizadores europeus, ou com a África, através dos africanos escravizados. Portanto, tenha sido com sentimento de aventura, ousadia e esperança, ou com sentimento de dor, angústia e sofrimento, o Farol da Ilha Rasa iluminou e pavimentou o caminho através das águas para que nossos antepassados, de onde quer que eles fossem, chegassem a esta terra.

FONTES:

DANTAS, N. A História da Sinalização Náutica Brasileira e breves memórias. Rio de Janeiro: Fundação de Estudos do Mar (FEMAR), 2000.

MARTIRE FILHO, A. Farol da Ilha Rasa: história e lendas. Revista do Clube Naval, p. 44-51, 2009.

MINISTÉRIO DA MARINHA. Elenco de Faróis. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1917.

REIS, A. Histórico de pharoes existentes no Brasil e organização das respectivas repartições. Registrado em 1996 e reimpresso pelo DHN em 1999. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1913.

SIQUEIRA, R.; DANTAS, N. Luzes do Novo Mundo - História dos Faróis Brasileiros. Rio de Janeiro: Luminatti Editora, 2002.

Henrique Costa Fonseca – Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (PCRJ/SMU/IRPH)

Arquiteto e urbanista pela UFF, pós-graduado em Sociologia Urbana pela UERJ e servidor municipal da Prefeitura do Rio de Janeiro desde 2006, atualmente desempenha a função de Assessor Técnico do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade.